

JOVENS FOLIÕES DE REIS: MÍDIAS SOCIAIS, NOVOS DIÁLOGOS E TRADIÇÃO CULTURAL¹

Verônica Inaciola Costa Farias da Cruz²

RESUMO

O presente trabalho trata da interlocução hodierna entre os novos devotos dos Santos Reis e como o retorno às tradições dos seus ancestrais emerge em tempos de mídias sociais, ocasionando disputas e tensões, mas sobretudo, embora possa parecer controverso, as comunicações digitais vêm colaborando para restabelecer a relação entre as manifestações da cultura popular e a comunicação de massa com a nova geração. Através de uma minuciosa observação de campo podemos constatar como esse fenômeno vem ocorrendo entre esses herdeiros dos reisados na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE

Folia de Reis; Ancestralidade; Mídias Sociais; Tensões.

INTRODUÇÃO

Durante a finalização de um trabalho de campo realizado com três³ grupos de folias de reis da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, especificamente das cidades de Itaboraí, São Gonçalo e Rio de Janeiro, momento em que investigava as performances e narrativas desses grupos para a defesa de minha tese intitulada: Milagres na contemporaneidade: enfrentamentos necessários para a permanência das folias de reis na RMRJ. A partir do ano de 2020 pude perceber um aumento significativo de jovens participando do ritual, logo após a liberação sanitária no período da Pandemia da Covid-19. Um fato que fez com que levantasse algumas hipóteses do porquê desse número elevado de jovens participando de um ritual muito marcado até então pela presença de anciões. Este foi um fenômeno que se apresentou no campo quando já estava concluindo

¹ Trabalho apresentado para o GT 2: Folkcomunicação e Culturas Populares, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

² Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Mestra em Ciência da Arte pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Pedagoga, pesquisadora das artes, da cultura e da religiosidade popular fluminense, Presidente Interina da Comissão Fluminense de Folclore e integrante da IOV Brasil.

³ Folia de Reis Estrela do Oriente 2 (Itaboraí); Folia de Reis Nova Flor do Oriente (São Gonçalo) e Folia de Reis Sagrada Família da Mangueira (Rio de Janeiro).

a pesquisa e então voltei a participar dos seus festejos in loco, principalmente nas festas de arremate⁴.

Esse fenômeno se apresenta como fato novo, não que não tivesse jovens participando dos grupos no passado, mas geralmente eram crianças com laços de parentesco com os mestres que participavam dos rituais enquanto foliões, mas logo em que chegavam a adolescência não queriam mais participar daquele ritual que para eles não pertenciam ao lugar em que viviam, tinham vergonha de serem julgados pela turma que frequentavam, que tinham outras narrativas de uma cultura de massa pulsante. Abaixo podemos observar as imagens feitas de jovens foliões em uma festa de arremate da Folia Estrela do Oriente 2 no ano de 2021, logo após a liberação sanitária da Covid-19 (FIGURA 1). A imagem corresponde a uma folia convidada do município de Tanguá/RJ.

Figura 1 – folia estrela do Oriente 2



Fonte: Autora

ANÁLISES

Neste contexto agora observado, em que percebemos uma mudança de paradigmas sobre como esses jovens passam a interpretar a crença nos Santos Reis, me

⁴ A Festa de Arremate é feita pelo Mestre do grupo, enquanto anfitrião, para receber em sua sede outros grupos convidados e celebrarem o sucesso e graças alcançadas durante a jornada. Uma comensalidade que envolve um ritual permeado de solidariedade, fraternidade, resistência e memória.

aproximei, a fim de verificar as causas que estariam colaborando para esse interesse. Em suas respostas não encontramos nenhum acanhamento desses novos devotos em participar do ritual, visualizamos sim, um determinado empoderamento advindo de um novo discurso de reconhecimento de suas ancestralidades, principalmente promovidos por agentes protagonistas das redes sociais, pois durante o período da pandemia eles puderam estabelecer uma aproximação maior com as crenças dos seus familiares e assim começaram a interagir com os outros jovens que tinham essa referência de um ethos que perpassa o estilo moral e estético de uma devoção que veio trazer sentido ao seus mundo. Podemos citar como exemplo o grupo do Morro da Formiga na Zona Norte do Rio de Janeiro, embora formado por muitos jovens, nos sinaliza muito bem que as regras de uma vida comunitária em volta de um sagrado podem proporcionar o estabelecimento ético de códigos religiosos e culturais que trazem equilíbrio ao cotidiano tão desprovidos de direitos elementares para as populações das periferias vivem.

Códigos que tornam o estabelecimento ético dos interesses religiosos desses foliões reiseiros ainda mais legitimados. É o comportamento respeitoso dos direitos de descendência dessa prática e o respeito atribuído na continuidade do ofício que de certa maneira já havia sido estabelecido através do ethos formado. (Cruz, 2024, p.127).

Na Figura 2 vamos poder constatar um pouco dessa interlocução virtual, que os jovens foliões de reis das periferias da RMRJ vêm realizando.

Figura 2: Folia Estrela Guia



Fonte: Instagram

Essas imagens nos sinalizam que esses jovens se sentem prestigiados em continuar o rito dos seus antepassados que são migrantes, geralmente vindos do interior do estado e que trouxeram na bagagem essa crença, fruto de uma história pautada por uma interpretação oral dos evangelhos, associadas às crenças dos povos originários e dos escravizados africanos, uma crença santeira extremamente sincrética que atravessa séculos dentro de uma dinâmica inerente ao fazer cultural. Podemos reforçar nossas afirmações com as imagens abaixo (FIGURA 3) que mostram esse crescimento da participação dos jovens no ritual das folias de reis no ano de 2025 na festa de arremate a Folia de Reis Nova Flor do Oriente, presença maciça de jovens, tanto no grupo anfitrião, como nos grupos convidados.

Figura 3: Jovens na Folia de Reis Nova Flor do Oriente



Fonte: Autora

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este fenômeno que estamos investigando desde 2020, sobre a incorporação de uma cultura folk por jovens periféricos permeados por uma cultura de massa midiática, nos alerta sobre levar em consideração os estudos preliminares de Beltrão (1980) que dialoga com populações de cultura folk e suas relações com a cultura de massa, que segundo Benjamin (1998), discute o Folclore como manifestação de comunicação a partir dos pressupostos da Semiologia.

Neste sentido de aceitação da tradição, embora ressignificada é que olhamos a democratização das tecnologias da informação, apesar de todas as restrições a elas imputadas pelo mau uso das ferramentas, como um importante canal para o

fortalecimento da cultura popular. O acesso da periferia e áreas rurais a essas tecnologias, proporcionou avanços importantes para a salvaguarda dessa cultura. É óbvio que outros fatores também vieram a contribuir para essa ressurgência e empoderamento entre os jovens, como os sistemas de patrimonialização e as leis de incentivos advindas dos editais promovidos pelas políticas públicas de cultura. O tempo pandêmico também permitiu esse contato através das telas, permitiu que muitos jovens redescobriram suas identidades na crença dos seus antepassados. Na medida em que foram reconhecendo a função do sagrado dos seus avós, desta forma sinaliza Bhabha (2001) que as diferenças dos lugares não interferem na resistência da memória cultural ela apenas pode se tornar híbrida. Esse é um fenômeno que se revela em tempos atuais, porém.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação: contribuição de Luiz Beltrão para a Escola Latino-americana de Comunicação**. Anuário Unesco/Umesp de Comunicação Regional, São Bernardo do Campo, n. 2, 1998.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2021.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória do Sagrado: estudos de religião e ritual**. São Paulo: Paulinas, 1985.

CRUZ, Verônica Inaciola C. F. da. **Folia de Reis e o milagre das suas bandeiras**. Tiradentes/MG: Aquarius, 2024.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

HOBBSBAWM, Erick; RANGER, Terence(org) **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.